



ESTATUA DE SAPHO POR PRADIER.

João Jaques Pradier nasceu em Genebra em 1790. Era ainda muito creança quando a Suissa foi incorporada á França. Seus paes queriam que elle fosse gravador; mas o instincto chamava-o ao exercicio de outra arte; e mr. Denon, tendo visto na escola municipal de Genebra o interessante neophyto, augurou bem do seu futuro; trouxe-o comsigo, e metteu-o na officina de Lemot. Este era um habil esculptor, trabalhava com bastante facilidade, mas tinha pouco sentimento do ideal. Era forte nos accessorios; faltava-lhe a poesia, o essencial. Além de Lemot, Pradier teve dous guias, cuja influencia actuou fortemente sobre o seu espirito. Prudhon, pintor hoje pouco apreciado, e Clodion, cujos trabalhos de esculptura muito lhe compraziam.

Em 1812 concorreu ao grande premio de Roma, e alcançou menção honrosa. No anno seguinte o joven artista eclipsou todos os seus rivales: o programma do concurso era *Ulysses e Neoptolemo na ilha de Lemnos*. Pradier partiu pois para a Italia, para esse grande museu de que desejava contemplar as maravilhas. O que mais o tocou além dos Alpes foram as obras da arte antiga e as de Lucca d'ella Robbia. O 18.<sup>o</sup> seculo e o imperio admiravam exclusivamente os gregos e os romanos; herdou o seu enthusiasmo sem querer ter o trabalho de formar opinião

propria. Estudou pois com paixão as estatuas, que nos deixaram os principes da arte pagã. Era indifferente aos austeros trabalhos de Miguel Angelo; a sua alma não podia elevar-se até o mundo heroico habitado pela imaginação poderosa do esculptor florentino.

Em quanto se demorou em Italia Pradier foi pouco fecundo; resta-nos d'elle, d'esse tempo, apenas uma cabeça de Orpheu, e alguns esbocetos.

Em 1817 foi a sua verdadeira estrêa, apresentando na exposição d'aquelle anno duas notaveis obras em marmore; uma Nympha, e um Centauro.

Em 1827 o Instituto abriu-lhe as portas. N'aquelle mesmo dia tinha exposto ao publico o seu Prometheu, que hoje pôde admirar-se no jardim das Tulherias.

A 5 de junho de 1852, Pradier, estando a passeiar em Bougival, cercado dos seus amigos e discipulos, caiu redondamente no chão: prestaram-lhe todos os socorros; mas debalde: uma apoplexia fulminante acabava de pôr termo aos dias do grande artista.

O catalogo das suas produções é mui extenso; citaremos porém aquellas, que lhe grangearam maior nomeada, além de Prometheu, já citado. A *Nympha ferida*, que está no *Palais-Royal*, tres *Venus*,



as *Grças, Psyché, Chloris, Nyssia, a Primavera, o Satyro e a Nympha, Anacrconte, o Amor, e a Sapho*, que a nossa gravura representa.

## ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

### MEMORIAS DA VILLA DE ARRAYOLOS.

#### XII.

*Doação de Arrayolos a Rodrigo Affonso de Sousa, a D. Alvaro Pires de Castro, e a Fernão d'Alvares Pereira.*

ARRAYOLOS e Pavia haviam sido dadas por D. Pedro I a Rodrigo Affonso de Sousa (1), e novamente recobradas por el-rei, sem que de um e de outro successo se conheçam as circumstancias. Logo que D. Fernando subiu ao throno por morte de seu pae D. Pedro I, mandou por carta sua, de Santarem a 13 de maio, era 1405, anno de Christo 1367, a Vicente Dares, e ao seu almoxarife de Evora, que entregassem ao dito Rodrigo Affonso de Sousa, seu vassallo, as suas terras de Arrayolos e Pavia, pela guisa que as tinha em tempo de el-rei seu pae; e lh'as dá para que as tenha d'elle rei em cumprimento de sua quantia. E se lhe em ellas puzeram algum embargo, manda que lh'o alcem logo; e outro sim lhe entreguem qualquer cousa, que d'elle hajam tomado (2).

Falleceu Rodrigo Affonso de Sousa sem descendencia legitima: pelo que vagando o senhorio de Arrayolos, o mesmo rei D. Fernando, por fazer a vontade á rainha D. Leonor, o deu com o titulo de conde a D. Alvaro Pires de Castro, na era de 1415, anno de Christo 1377, havendo já no anno de 1371 dado ao mesmo D. Alvaro o titulo de conde de Vianna da foz do Lima (3).

Não é meu proposito dar aqui larga noticia de quem fosse D. Alvaro Pires de Castro, e de seus feitos; que tudo se póde vêr por extenso em nossas

(1) Rodrigo Affonso de Sousa foi filho segundo de D. Affonso Diniz, e de D. Maria Paes Ribeira. Este D. Affonso Diniz foi filho bastardo de el-rei D. Affonso III; e D. Maria Paes Ribeira foi filha de Pedro Annes de Aboim, senhor de Portel, e de D. Constança de Sousa, filha segunda de Mem Garcia de Sousa. Cazou Rodrigo Affonso com D. Violante Ponce, filha de Martim Annes de Briteiros, e de D. Branca Lourenço de Valladares. Teve descendencia, mas illegitima. (Vid. Sousa, Hist. Geneal. liv. 14, cap. 2.<sup>o</sup>).

(2) Torre do Tombo, liv. 1.<sup>o</sup> de D. Fernando, fl. 7. D'esta doação fazem menção por extracto Fr. Manuel dos Santos, na Monarchia Lusitana, part. 8.<sup>a</sup>, liv. 22, cap. 9.<sup>o</sup>, e Sousa na Hist. Geneal. t. 12, part. 1.<sup>a</sup>, pag. 246.

(3) Fernão Lopes, Chronica de el-rei D. Fernando. Fr. Manuel dos Santos, Monarch. Lusit., part. 8.<sup>a</sup>, liv. 22, cap. 53; citando para o titulo de Vianna a Chancellaria de el-rei D. Fernando, liv. 1.<sup>o</sup> fl. 73; e para o titulo de Arrayolos o liv. 2.<sup>o</sup> fl. 21 da mesma Chancellaria. Sousa, Hist. Geneal., t. 1.<sup>o</sup>, pag. 424. Enganou-se pois a Resenha das familias titulares do reino de Portugal, Lisboa 1838, quando referiu o titulo de conde de Arrayolos ao 1.<sup>o</sup> de julho de 1371, sendo esta a data do titulo de conde de Vianna.

chronicas. Bastará mencionar que foi filho de D. Pedro Fernandes de Castro, que disseram o da guerra, fidalgo castelhano, e teve por irmã a misera e mesquinha D. Ignez de Castro. Veiu para Portugal em tempo de el-rei D. Pedro (4), a quem não podia deixar de ser bem acceito, attento o parentesco de D. Ignez. Não mingou seu valimento para com el-rei D. Fernando, que além dos dous condados acima ditos, lhe deu o eminente cargo de condestavel do reino, então creado pela primeira vez em Portugal.

Não foi grato ao concelho de Arrayolos o dominio do seu novo e poderoso conde e senhor. Como era praxe d'aquelles tempos, elle conde, e as pessoas de sua familia e casa vexavam por tantos modos a gente do concelho, e tão asperamente, que esta não duvidou queixar-se a el-rei, aproveitando para isso a sua estada na villa nos fins do anno de 1379 (5). El-rei ouvindo ambas as partes, fez com que viessem a um acôrdo e compromisso a 4 de novembro do dito anno, no qual compromisso, para evitarem futuras vexações, se sujeitaram os moradores do concelho, assim os da villa, como dos termos e reguengos, a trabalharem por si, ou por seus serventes, e animaes nas obras das novas pousadas do conde, dando um certo numero de dias de trabalho pelo espaço de um anno: e puzeram certas regras para impedir o nojo, e semrazões, que do conde e suas gentes poderiam receber, se as fazer quizessem. Este contrato foi confirmado por el-rei em Evora a 30 de janeiro do anno seguinte de 1380, e é um dos mais curiosos documentos da historia municipal d'aquelles tempos (6).

Estas pousadas ou paços do conde D. Alvaro consta serem no posto da quinta de Valle Formoso, ou Valle de Flôres, no proprio sitio, onde depois se fundou o convento dos Loios, como veremos.

Morto porém D. Fernando, em 21 de outubro de 1383; aclamado governador e defensor do reino o mestre de Avís D. João, foi a camara d'antre Tejo e Odiana das que mais depressa e com maior calor seguiram o partido do mestre. Em recompensa do sangue derramado, e do dinheiro despendido pelos concelhos d'esta comarca, foram concedidas a cada um muitas graças e privilegios (7). A villa de Arrayolos coube por esta occasião tirar-lhe o mestre toda a sujeição, em que estava posta, do conde D. Alvaro, e incorporal-a na jurisdicção da corôa; ficando todavia ao dito conde os seus direitos patrimoniaes e proprios. A carta é de Lisboa a 3 de maio da era de 1422, anno de Christo 1384 (8).

Pouco sobreviveu o conde a este desenlace de suas antigas discordias com os moradores de Arrayolos, pois morreu de sua morte (como diz Fernão Lopes) no mez de julho da era de 1422, que é o mesmo anno de 1384 (9). Foi sepultado no mosteiro de

(4) Fr. Manuel dos Santos, Mon. Lus., part. 8.<sup>a</sup>, liv. 22, cap. 14.

(5) El-rei D. Fernando demorou-se em Arrayolos até janeiro seguinte, em que foi para Evora. (Fr. Manuel dos Santos, Mon. Lus., part. 8.<sup>a</sup>, liv. 22, cap. 44).

(6) Torre do Tombo, liv. 2.<sup>o</sup> de D. Fernando, fl. 53 v.

(7) Fr. Manuel dos Santos, Mon. Lus., part. 8.<sup>a</sup>, liv. 23, cap. 14 e 15.

(8) Torre do Tombo, liv. 1.<sup>o</sup> de D. João I, fl. 18 v.

(9) Chronica de el-rei D. João I, part. 1.<sup>a</sup>, cap. 117 do exemplar impresso em Lisboa em 1644.



S. Domingos de Lisboa, no cruzeiro, na capella de S. Jacinto, á parte do Evangelho, em uma tumba de pedra, em cima da qual estavam suas armas, em campo de prata seis arruellas azues, e por timbre uma roda de navalhas (1). O epitaphio dizia: Aqui está a ossada de D. Alvaro Peres de Castro, o primeiro condestavel d'este reino, e de sua mulher a condestableza D. Maria Ponce (2).

Se porém a isenção do dominio do seu conde, concedida á villa de Arrayolos, foi em galardão de serviços, depressa esqueceram estes ao mestre, por quanto logo a 30 de agosto do mesmo anno de 1384 a doou novamente a Fernão d'Alvres Pereira, irmão de Nuno Alvares, juntamente com as de Pavia, e Villa Nova de Alvito, de juro e herdade, com toda a jurisdicção alta e baixa, mero e mixto imperio, assim e pela fórma, que elle rei as havia e possuia (3).

Pouco se logrou Fernão d'Alvres Pereira d'esta mercê e munificencia do mestre. Ainda corria o mesmo anno de 1384, quando foi morto, ao entrar em Villa Viçosa, com a cabeça esmagada de uma pedra, que de dentro lhe atiraram os castelhanos, então senhores da dita villa (4).

J. H. DA CUNHA RIVARA.

MIGUEL DE CERVANTES SAAVEDRA.

V.

ESTAMOS chegados ao periodo talvez mais laborioso e mais esteril, mais afanoso e mais obscuro da vida litteraria de Cervantes. É agora que o talento do poeta, á força de se abaixar á craveira das producções mercenarias, se torna em poucos annos mais fecundo do que em todo o resto da sua carreira de escriptor, mas resgata a fecundidade do seu estro feito escravo, pela caducidade precoce das suas creações.

Cervantes, tocando já quasi os quarenta annos, e obrigado pelos deveres da familia a procurar n'uma industria litteraria a subsistencia dos seus e de si, abdicou o genio para invocar a musa ingrata das especulações litterarias, e desceu da altura do Par-

(1) Os Castros, que descendem de D. Fernando de Castro, filho legitimo de D. Pedro Fernandes de Castro, trazem no escudo treze arruellas; e os que se derivam de D. Alvaro Pires de Castro, e da rainha D. Ignez de Castro, filhos bastardos do mesmo D. Pedro Fernandes, trazem só seis arruellas. (Mon. Lusit., part. 4.<sup>a</sup>, liv. 3.<sup>o</sup>, cap. 6.<sup>o</sup>, part. 6.<sup>a</sup>, liv. 18, cap. 15, e part. 7.<sup>a</sup>, liv. 10, cap. 19, n.<sup>os</sup> 9 e 10).

(2) Antonio Coelho Gasco, Conquista, antiguidade e nobreza da cidade de Coimbra, cap. 27.

Do deduzido no texto se colhe que o senhorio de Arrayolos já não foi incluído na amplissima doação, que o mestre de Avis fez no mesmo anno de 1384 a D. Pedro de Castro, filho de D. Alvaro Pires de Castro, de todas as villas, logares e castellos, que os reis haviam dado ao dito seu pae, assim por condado, como por doação, ou por outra qualquer fórma; resalvando sómente os bens de Diogo Lopes Pacheco, doados por el-rei D. Fernando. (Fernão Lopes, Chron. de el-rei D. João I, part. 1.<sup>a</sup>, cap. 183).

(3) Torre do Tombo, liv. 1.<sup>o</sup> de D. João I, fl. 62.

(4) Fernão Lopes, Chron. de el-rei D. João I, part. 1.<sup>a</sup>, cap. 172. Fr. Manuel dos Santos, Mon. Lusit., part. 8.<sup>a</sup>, liv. 23, cap. 27.

naso, que já levava subido a meia encosta, para vir assentar-se á banca prosaica, ou quasi balcão do poeta mercenario. Cervantes, que nasceu para escrever o *Don Quixote*, extenuava a mente e luctava com a sua vocação para fabricar algumas comedias obscuras, a troco de um pão amargurado e quasi opprobrioso para o genio. Não é de hoje esta praga de fecundidade artificial, que avoluma os catalogos da imprensa sem enriquecer d'um apice o verdadeiro peculio litterario da humanidade. Antes que Eugenio Sue explorasse as grandes misérias humanas para compôr volumes de estirado sentimentalismo, e extrahir do crime e dos horrores o ouro de um salario invilecido, antes que Alexandre Dumas descobrisse o segredo que transforma a imaginação n'uma fonte perenne e inexgotavel de novellas, os escriptores hespanhoes tinham dado o exemplo de como a phantasia se atormenta e o talento se prostitue substituindo o numero ao bom quilate dos livros, a novidade ao merito litterario, as aventuras extravagantes aos episodios verosimeis, e lisongeando o paladar corrompido das turbas á custa do esplendor e do incremento das litteraturas. O que nós hoje cremos um *tour de force* de facilidade e de expedição nos escriptores contemporaneos, foi já a condição normal das letras castelhanas. O mesmo diluvio, que hoje a nós nos está affligindo, alagou a Hespanha nos seculos 16.<sup>o</sup> e 17.<sup>o</sup> Lope de Vega passaria hoje por um mytho, como Homero na opinião de Vico, de Niebuhr e de Michelet, se não tivera existido tão proximo dos nossos dias. Ninguem, a não serem as escrupulosas investigações dos biographos, e o proprio testemunho de Cervantes, saberia que o auctor de *Don Quixote* escreverêra em quatro annos trinta comedias tão originaes quanto mediocres.

Não ha nada que mais degrade as letras do que fazer d'ellas mercancia e trato de chatino. Quando se escreve para a gloria e para a posteridade o cunho das producções é diverso d'aquelle que se imprime na obras, que se ditam para os caprichos da plebe, ou para a avidez dos editores. Estes escriptos, ditados pela fome, ou inspirados pela avareza mercantil, a gloria desdenha-os quasi sempre, e a posteridade despreza-os orgulhosa. Quem hoje vê uma novella de Dumas, annunciada em cartazes de jornal, reunir-se ao romanceiro já quasi fabuloso d'aquelle engenho prodigiosamente frivolo, já sabe que aquillo não é senão uma lettra á ordem sacada sobre o folhetim de algum jornal de Paris, e um imposto voluntariamente levantado sobre a leviandade dos leitores. Deixem passar cem annos sobre a reputação do novellista francez, e perguntem á posteridade justiceira pelo epopéa infinita dos *Mosqueteiros*, ou pela engenhosa puerilidade do *Monte-Cristo*. Deixem resfriar os enthusiasmos de partido, deixem abrandar os odios e fanatismos d'estes tempos, e procurem d'aqui a cincoenta annos os *Mysterios de Paris*, e o *Judeu Errante* no catalogo das obras primas do seculo 19.<sup>o</sup>, que eu lhes juro d'aqui que os não hão de lá achar.

A terra violentada em culturas successivas vingase com a mesquinhez dos fructos da imprudencia do cultor. As plantas forçadas a uma florescencia artificial bem depressa perdem o typo natural da sua especie. O genio, contrafeito por uma fecundidade absurda, perde os seus quilates primitivos. A arte desce até á plebeidade de um mister, e as obras primas do espirito humano degeneram em manufacturas vendaveis, sujeitas, no mercado da imprensa, á lei prosaica da concorrencia mercantil.

As comedias de Cervantes tiveram esta sorte miseravel. O proprio auctor, ao cabo de poucos annos de escrevel-as, não sabia já acertar em quantas fossem.



e julgava-as com o desdém de um critico implacavel n'aquellas palavras significativas do *Prologo de las Comedias*. « Compuse, » diz elle, « en este tiempo hasta veinte comedias ó treinta, que todas ellas se recitaron sin que se les ofreciese ofrenda de pepinos ni de otra coiza arrojadiza; corrieron su carrera sin silbos, gritos, ni baraundas. »

(Continúa.)

J. M. LATINO COELHO.



NAVIOS DE CHRISTOVÃO COLOMBO.

A nossa gravura representa dous dos tres navios de que se compunha a esquadra, com que o intrepido navegador Christovão Colombo realisou o descobrimento do novo mundo.

Eram tres *caravellas*, sorte de navios muito usados n'aquelle tempo. A primeira, a maior, e em que embarcou o almirante de tão arrojada empreza, chamava-se *Santa Maria*; a segunda *Pinta*, e era commandada por Alonso Pinzon, e a ultima *Niña*, capitaneada por Francisco Pinzon. Compunham-se as suas tripulações de cento e vinte pessoas. O custo d'esta pequena armada montou a uns 20:000 pezos, incluindo os mantimentos para doze mezes.

Com tão minguado poder se levou ao cabo um dos mais espantosos successos de que pode ufanar-se a Europa. Nem era maior aquelle com que o nosso grande Vasco da Gama dobrou o cabo da Boa Esperança!

E digna de lêr-se a eloquente falla que Christovão Colombo dirigiu aos reis catholicos, em seu regresso a Hespanha, nos paços de Barcelona:

« As minhas esperanças cumpriram-se, os meus projectos realisaram-se: venho mostrar a minha gratidão, e offerecer ao dominio do vosso sceptro e da vossa corôa regiões, terras e habitantes até agora desconhecidos do mundo antigo; offerecer-vos uma conquista, que não tem custado até hoje á humanidade nem um crime, nem uma vida, nem uma gota de sangue, nem uma lagrima! »

Nada ha mais curioso que a descripção dos obstaculos e estorvos que Colombo encontrou para a realisação da sua empreza. Alcunhados os seus projectos de *imaginações* pelos cosmographos de Portugal; parecia, diz Lamartine, que um genio fatal, obstinado em lutar contra o genio da unidade da terra, queria separar para sempre estes dous mundos que o

pensamento de um só homem pretendia unir. Á nobre ousadia e magnanimidade da rainha Isabel, esposa de Fernando o catholico, que correu com todas as despezas occasionadas por esta generosa tentativa, deve a Hespanha a honra de tão glorioso feito.

Não nos é possivel alongar mais este artigo, e por isso enviâmos o leitor curioso para o tomo 9.º da *Historia general de España* do sr. D. Modesto Lafuente, obra primorosa, que não nos cansaremos nunca de recommendar.

## O CONDE SOBERANO DE CASTELLA.

FERNÃO GONÇALVES.

SECULO X.

VIII.

*Campo de Lerma: tenda de Almansor.*

Dias depois ajudava a expugnar as praças de Aranda do Douro e Osma o desastroso anel. As terras, os logares fortificados, e os postos militares que estavam desprecauidos, obedeceram em parte a esse emblema da auctoridade suprema. Quando lh'o apresentavam revestido de apparencias plausiveis, e acompanhado de circumstancias, que não induzissem desconfiança, respeitaram-no, e fizeram obra por elle, em quanto não foram informados da subreção e fraude. D'esta sorte o genio bom, que estivera ao serviço de Castella, transformára-se em genio malefico, que obedecia ao califa, e lhe abria o caminho até Lerma, a uma jornada de Burgos. Em Lerma veiu Abd-el-Rhman assentar o seu campo, resolvido a esperar ou a attrahir a esse ponto o exercito castelhano.

O emir escolheu o assento do campo ao pé de uma collina, que foi logo guarnecida de dez mil peões e varias machinas de guerra. No sopé da collina foi traçado um grande circulo, em roda do qual se abriu um fosso profundo, cujo revestimento interior se fortificou de altas estacadas. Cento e vinte mil combatentes, que ainda contava a almofalla, mesmo depois das vagas, que deixou em suas fileiras a expugnação das duas praças de guerra, foram successivamente accommodando-se dentro d'aquelle recinto, onde entraram ballistas, arietes, manganellas, torres rolan-tes, e uma bagagem immensa, e se plantaram as tendas de couro, rodeadas de um pequeno fosso para escôo das aguas. As tendas dos chefes differenciavam-se das outras pela riqueza das decorações; e, a do califa, de todas pela situação central, a magnificencia, e o perimetro que occupava. Cada personagem trazia consigo uma pequena, mas fastosa, comitiva de mulheres, muzicos e poetas; côrtes em miniatura, compostas cada uma d'ellas ao aspecto da grande côrte de Cordova, onde não faltasse nem festim, nem prazer, nem horas voluptuarias como essas, em que se passava a vida tão suavemente na séde do imperio arabe. Este alto requinte nas delicias da existencia não se desdenhava dos detalhes da gastronomia, como bem testificavam os fornos de prata para cozer pão fresco todos os dias, e os odres cheios de neve para sorvetes, de que vinham bem providos os chefes e pessoas principaes.

Acampado o exercito, e expedida para explorar as estradas uma columna volante de almogaures, queira agora o leitor seguir-me antemanhã atravez das ruas da deserta Lerma até o arraial adormecido dos arabes, donde por entre os renques de tendas pontagudas, umas jazendo nas sombras da escuridade, outras



alumiadas ainda dos raios da lua, que já começava a esmorecer, o conduzirei á tenda de Almansor.

## TENDA DE ALMANSOR.

—“Que Allah vos seja propicio, cidi!” murmurava em voz baixa junto ao almatrah do celebre alkaide, que ordenára a morte dos tres monges de S. Pedro de Arlança, o *silahdar*, especie de escudeiro, d'este chefe.

—“Nureddin! Rompeu já a hora da primeira *azalla*?” perguntou Almansor ao *silahdar*.

—“Ainda não aponta no horisonte o disco da luz.”

—“Apontará breve?”

—“No firmamento brilha solitaria a estrella da alva.”

—“O céu está claro?”

—“Como a agua da fonte do paraizo.”

—“Os guardas da tenda velam?”

—“Como bons veladores encostados á acha de armas.”

Almansor vestiu á pressa a camisa de ranzal, e as calças de lã de camelo; envergou um gonel de seda; e, saltando do almatrah para um tapete da Syria, que forrava o chão da tenda, calçou as alparcas de veludo azul-celeste bordadas de ouro; cobriu-se com um gorro escarlata; e pediu a harpa a Nureddin.

Sentado em uma pilha de cochins, começou o joven alkaide a preludiar no instrumento, cantando os sentidos e melancolicos versos do califa reinante, que começam:

Como suspirar não hade  
Quem em tristes ancias vive!

Modulavam-se em as notas cristalinas e sympathicas da sua voz os versos finaes d'esta peça poetica:

Meus claros dias passaram;  
Chega a noite tenebrosa,  
Que nunca será rendida  
Pela aurora radiosa,

quando a aurora, desmentindo os presentimentos do poeta, começou a raiar no horisonte, e a luz decomposta entrou a tingir as nuvens d'esses ricos cambiantes, que prenunciavam a apparição do sol.

Os tambores romperam então o toque da alvorada em rufos precipitados; pausaram; renovaram o seu floreio estrondoso até que este morreu de todo no eco dos valles. As trombetas e clarins encheram o campo de um diluvio de harmonias graciosas, e os seus sons, abemolando-se gradualmente, expiraram, acompanhando a brisa da manhã com uma cadencia entre suave e esperançosa. Apenas se desvaneceram as ultimas notas d'esta saudação harmoniosa, os muezins não do alto dos minaretos, mas atravessando os intervallos das tendas, soltaram o seu brado matutino.

—“A' oração! A' oração! Deus é grande. A' oração! A' oração! Não ha senão um só Deos, e Mahumedé é o seu propheta. A' oração! A' oração! O' crenetes, a hora soou. A' oração! A' oração!”

No mesmo instante com as faces voltadas para a cidade do propheta começaram a murmurar suas preces cem mil guerreiros, que o sol da Asia, Africa e Europa tinha alumiado no berço, e que de tantas nações e raças se congregavam ali com um só culto e uma só lei, orando ao mesmo Deos que todos os povos, com uma fé e fervor, que nove seculos não tem esfriado nos seus descendentes.

Menos devoto, talvez, o joven alkaide, acabando de transgredir os preceitos do Koran, que vedam a muzica, tambem encommendava a sua alma a Allah, rezando a primeira das cinco preces, distribuidas entre dia e noite, que o livro do propheta prescreve aos seus sectarios, mas que, por dispensa especial para soldados em campanha e viajantes em jornada, se reduziam a duas: a *azohbi*, ou prece da alva, e a *teravih*, ou prece da noite.

Nureddin não tinha ainda dado conta a seu amo das occorrencias domesticas do dia anterior, porque o alkaide saíra da tenda pela manhã cedo, e não recolhêra senão a horas de dormir. Apressou-se pois a desempenhar este detalho do seu mister, apenas viu, que Almansor acabára de rezar a oração.

—“Cidi!” lhe disse o *silahdar*, tendo primeiro curvado a profunda reverencia oriental: “Cidi! El Sabini veio hontem saber se podia contar com a mercê de poeta do numero na cõrte.”

—“O que? Elle, poeta da cõrte! . . . Passei pelo supplicio de lér a sua peça do versos, ou o que quer que é, que ali está. Mediocre, sem-sabor. Que estude, que se inspire melhor, que faça por emparelhar n'esta arte divina com o sublime califa, e seus dous filhos Abdelmelec e Abdallah. Até então não espere, que eu empenhe em seu favor o meu valimento. Não posso interessar-me por poetastros. Dize-lhe isto, se elle voltar.

—“O eunucho-mór veio procurar-vos.”

—“O alcajote usurario? . . . Bem sei. Quer mil miticaes. Sessenta mil perdi eu hontem ao xahtrang. Que espere para algum lanço favoravel do jogo ou da guerra.”

—“O *hafite* el Fahri pretende entrar no vosso serviço.”

—“No meu serviço! . . . esse narrador abominavel, sem imaginação, sem graça, sem memoria, sem sizo commum sequer! Digno é elle de ser escutado, mas por cameleiros; e esses mesmos duvido, que lhe não adormegam ao som da narrativa nauseante.”

—“Este pergaminho,” disse Nureddin, apresentando-lh'o com a reverencia do estilo, “trouxe-o hontem o *almocri* de mandado do katibe grande para o cidi.”

—“Oh!” exclamou Almansor, deitando-lhe os olhos; “são as memorias d'esse doutor fastidioso sobre o Ramadão. Acho-lhe um chiste infinito em mandar, mas a mim! Lél-as, eu? Antes jejuar doze luas. Lê-as tu, se quizeres. . . Ouves? ou melhor farás, se atirares com ellas ao lume. Desgracioso doutor! Ah, ah! juro pela tumba do propheta, que nunca beberás na fonte do paraizo.”

—“Estas ordens para o pagamento das taifas.”

—“Malsinado sejas tu pelo monstro do monte Safa! Porque mas não apresentaste hontem á noite para as eu assignar, e serem no mesmo instante enviadas ao pagador? Oxalá os 99 dragões te roam o corpo até á resurreição geral.” Coleras de militar, strictissimo, como era Almansor, em pontos de serviço.

—“Que mais temos?” perguntou o alkaide, ainda agastado.

—“Cidi!” respondeu o *silahdar*, em enjo semblante meio turbado se desenhou agora o iris de um sorriso. “Cidi! Estão aqui varias mensagens de amor. Esta trouxe-a á tenda um pombo correio.”

—“Oh!” exclamou Almansor, lançando os olhos ao bilhetinho de papel de seda, que recendia a almiscar e essencia de rosas, e desdobrado não chegava ao tamanho da palma da mão. “A doudinha ignorará, que a Sonna manda lapidar a esposa adúltera?”

—“Esta,” continuou Nureddin, “entregou-a á sentinella da tenda um negrinho a cavallo em tra-



jos de pagem, e, apenas a entregou, desapareceu a todo o galope.”

— “Não, minha bella,” disse Almansor, lendo a carta, e dando estalinhos com os dedos; “não! Pedes capitulação muito tarde, depois de me teres obrigado a esgotar quasi todo o meu carcaz. Isto não é graça: ías deslustrando a minha fama. Ou te has de render á discrição, ou serás castigada com o meu desdem.”

— “Esta trouxe-a uma sétta, que, lançada por mão desconhecida, veio zunindo cravar-se na porta de couro da tenda.”

— “Que é da sétta?” perguntou Almansor, depois de ter passado uma revista rapida á carta.

— “A sétta!” respondeu Nureddin descórando. “A sétta... eu a vou buscar.”

Nureddin trouxe a sétta, que era de ouro, cravejada toda de rubís e diamantes; um primor d’arte, de valor inestimavel.

— “Com que tu pretendias sonegar esta obra prima? Heim, meu fiel Nureddin!”

— “Eu, cidi, entreguei fielmente a carta, que era o essencial.”

— “O essencial vejo eu que para ti era a sétta. Pois para mim a carta e a mão que a traçou é que nada valem.”

Começou então a lêr a desprezada epistola: *Ingrato, deshumano, fementido.*

— “Morro afogado n’este mar de epithetos! *Oh céus, puni-o! Oh Allah! Oh plagiaria desalmada!* Mesmo esta semsaboria a foste desenterrar ao mais detestavel dos nossos poetas... Mas que preciosos que são os rubís e os diamantes! Esta borboleta é de um trabalho admiravel. E a serpente? A idéa é felicissima: a borboleta ao pé da serpente... Sétta encantadora!... Nureddin, toma lá a carta; faço-te presente d’ella. Se queres requestar a dona, eu te digo a sua tenda.”

— “Cidi!...”

— “Não faças cerimonia.”

Depois Almansor correu a vista por varios ramalhetes, que lhe apresentou o silahdar, tecidos, ao modo arabe, de flôres, que pela côr symbolisavam os differentes affectos das suas ternas adoradoras. As flôres verdes eram *esperança*. As amarellas *desesperação, desconfiança e suspiros*. As azues eram *ciúmes*. As vermelhas, *alegrias, contentamentos de amor*. As pardas e pretas eram *penas e cuidados*. As brancas e violetas, *fé e constancia*.

— “Salens!... *psst!*” disse elle em som de mofa.

Continuou a passar os olhos por outros manifestos de ternura das suas amantes, quasi tão numerosos como as casas de Korthobah a grande, ou como as langas da cavallaria arabe. Repulsava por igual as esperanças, as desesperadas, as desconfiadas, as ciósas, as alegres, as penadas, e as constantes; repulsava as cartas de todos os tamanhos, os ramilhetes de todas as côres, e as tranças de todos os cabellos com o desdenhoso *psst*. Por fim, afastando tudo com a mão, e com um gesto despeitado, disse para Nureddin:

— “Toma... ou... varre lá isso.”

Baixinho, e com o coração disse, suspirando:

— “Oh Fatima! nem um signal do teu amor!”

A este tempo batia as palmas á porta da tenda um mandadoiro do pavilhão do miramolim. Era um convite a Almansor para o banquete, que havia de dar Abd-el-Rhaman á hora da *adohar*, isto é, ao meio dia.

(Continúa.)

ANTONIO DE OLIVEIRA MARRECA.

## ESTUDOS SOBRE A GUINÉ DE CABO VERDE.

### V.

*O interior da praça de Bissáu. — A formiga que come ferro. — Fr. Manuel de Vinhaes ou Fr. Paulo de Lordello? — 1702 e 1838, analogias que fazem córar. — Como restabelecer aqui a civilização? — O Richerismo e Wittemberg: como o entendem os negros de Guiné. — A soberania popular, e a onça. — O que é um rei de Bissáu e o seu sceptro.*

CHEGOU finalmente o dia, que eu tinha destinado para examinar o interior da praça; e saí acompanhado do meu hospede, que se prestou a ser o meu cicerone, funções que o habilitava a exercer a sua longa pratica das cousas de Guiné. Sabia que eu era curioso; e desejava que a minha curiosidade fosse satisfeita, ou queria que eu não soubesse mais do que o que lhe fizesse conta? qualquer das cousas era possível.

Saí da sua casa e entrei n’um grande largo, que, se me não engano, se chamava da *Mãe Julia*. Este largo era sombreado de espaço a espaço por gigantescas e corpulentas arvores, mui frondosas e copadas, que me pareciam vedetas collocadas á entrada da cova de Poliphemo. Mostrei-me naturalmente admirado de que tivessem deixado crescer estas arvores, que pela sua proximidade da fortaleza reputei muito perigosas para a guarnição, porque podiam facilitar uma surpresa nocturna em tempo de guerra, principalmente aqui, onde os naturaes quasi nunca fazem as suas guerras senão na estação das aguas, quadra em que as grandes trovoadas são quasi sempre acompanhadas de ventos fortissimos, que agoutam as arvores e as fazem gemer em longas torturas, e que pôdem occultar uma investida á fortaleza, encobrando-se os assaltantes com a sombra do arvoredo, e calando o rumor dos passos com o lamento dos ramos e da folhagem sacudida pelo vendaval. Assim o pensava, e disse-o francamente.

Com effeito, não se podia explicar a presença e a conservação d’estas arvores senão pelo mais reprehensivel desleixo. Felizmente não tinha ainda havido exemplo de que os negros tivessem tentado uma empreza como a que eu temia; mas como para que eu não deixasse de ter alguma razão, tinham estas arvores servido de abrigo a mais de um papel ou grumete para esperar o seu inimigo, e arrojar-lhe uma azagaia, ou atravessal-o com o seu terçado, conforme a distancia; ali, a dez passos do portão e á vista da sentinella, conseguindo sempre escapar-se em quanto a guarda corre ás armas ao grito de alarma! Mais de um caso d’estes tem acontecido, de que algumas vezes foram deploravelmente as victimas os proprios soldados da guarnição, sem que se pudesse valer-lhes, mas tambem sem que depois se cuidasse de os pôr ao abrigo de futuras traições.

Apenas entrei o portão; e que vi um comprido corredor cujas paredes estavam cobertas de camadas de fumo de azeite de chavéo (que lhe davam uma côr ennegrecida) e que pelo decurso de annos se haviam sobreposto a outras iguaes camadas, que de espaço a espaço em distancias irregulares apresentavam umas como orlas mais negras, feitas pelo fumo do lampião pregado na parede, que mudava para outro ponto quando aquelle estava já bem negro; senti o coração tão opprimido, como se entrasse n’uma masmorra subterranea d’esses castellos feudaes, que a fertil imaginação dos romancistas nos descreve como o hediondo e sanguinolento theatro de horrendos crimes.



Era aqui o corpo da guarda. Uma tarimba á esquerda de quem entrava, não permittia a possibilidade de duvidar-se de que era esse o destino que interinamente se havia dado a esta entrada, e que de interino tinha passado ha annos a permanente. Depois vi que houve razão para o interino, e que a permanencia tinha uma explicação facil.

Transposto o portão, entra-se no recinto da fortaleza. Uma escada de pedra sem nenhuma especie de abrigo, dá subida para a residencia do governador, que consta de uma grande sala, e dous pequenos quartos ao lado, um dos quaes serve de secretaria e archivo, e o outro é destinado para dormir; uma casa de jantar, cosinha, alguns despejos, e uma varanda, que deita para o interior da praça. D'aqui goza-se um delicioso espectáculo: isto é, podia gozar-se um espectáculo delicioso, mas o que se apresenta é bem melancolico. Exceptuando o campo da parada, que é realmente bello, pois que n'elle pódem trabalhar bem á vontade seiscentos homens, tudo o mais entristece. Tudo são ruinas, tudo é desmazelo, tudo incuria.

Essas pomposas descripções de obras, que tenho lido de ha dez annos a esta parte, não passam de fabulas mais ou menos habilmente arranjadas. Desde então até hoje (1850) tem-se gasto talvez vinte contos de réis em obras; e eu não vejo outra cousa mais do que ruinas accumuladas a ruinas, escombros ao lado de escombros: é uma providencia que isto seja no meio de negros estupidos e cobardes, pois que n'outra qualquer parte ha muito, que teriamos sido vergonhosamente expulsos, e a nossa dominação teria ficado sepultada sob estes montões para não se erguer mais!

As peças são, como disse, de calibres diversos; ha um obuz de cinco e meia pollegadas, duas peças de bronze de nove, duas de tres, seis de ferro de deztoito, quatro de doze, quatro de nove, e duas de seis. D'estas sómente estão montadas dezeseis, porque nove tem reparos de ferro, dom gratuito que fez á praça o sr. H. P. Barreto, que apesar de africano tem dado lições de patriotismo a muito europeu, e sete os tem de madeira em menos máu estado; ha ainda dez que estão aparentemente montadas, mas que não pódem dar um tiro, porque seria maior o damno que causassem aos defensores da praça, do que aos seus inimigos, já porque os reparos estão arruinados, já porque ellas mesmas não pódem mais servir por terem os ouvidos muito devassos, ou por estarem oxidadas interiormente. A maior parte d'estas peças não têm a necessaria palamenta!

Como estas ha ainda umas vinte e duas em ruina, que jazem pelo chão, e alguns restos podres e carcomidos de reparos, que parece estarem esperando pelos outros, porque se insiste em os mandar de pinho para um clima, onde não ha madeiras que possam resistir á acção destruidora da agua das chuvas, e da cacimba, a que se segue um sol abrasador, assim como bem poucas que resistam á destruição do bicho, ou cupim, por mais que as pintem, ou alcatroem (1).

A guarnição effectiva estava sendo de setenta e seis praças, apenas a terça parte da que lhe é indispensavel! e de certo lhe faltaria a polvora se fosse

(1) Alguem poderá achar contradicção entre o numero das peças que vem mencionadas no *Diccionario Geographico* por mim publicado, e o que exponho aqui, mas é preciso notar-se que ali não quiz fazer obra pelos meus apontamentos particulares, seguindo as informações semi-officiaes, e aqui deixei estas de parte, e sómente me liguei ás minhas notas.

ali um artigo de contrabando como é em Cabo Verde. Felizmente para os portuguezes de Bissáu este genero é de livre commercio! do contrario muitas vezes havia de acontecer ao governador de Bissáu o mesmo que nas ilhas se tem visto; com a differença de que em Cabo Verde só se tem passado pelo vexame de não responder á salva de um navio estrangeiro, pelo que agora está acontecendo mandar o commandante perguntar, antes de dar a salva, se lhe respondem ou não; e em Bissáu podia ser causa de uma carnigaria horrorosa dos negros sobre os portuguezes.

(Continúa.)

J. M. DE SOUSA MONTEIRO.

ORIGINALIDADE DA NAVEGAÇÃO DO OCEANO ATLANTICO SEPTENTRIONAL, E DO DESCOBRIMENTO DE SUAS ILHAS PELOS PORTUGUEZES NO SEculo XV.

III.

ESTA terceira parte do nosso trabalho tende a mostrar, que ainda mesmo depois das navegações e descobrimentos dos portuguezes no alto mar Atlantico septentrional, em principios do seculo 15.<sup>o</sup>, as fabulas ou ignorancia do tempo anterior, a respeito d'aquelle mar e suas terras, continuaram no estrangeiro a grassar por algum tempo, o que tambem concorre a provar a nossa these.

Se nossas empresas maritimas não encheram repentinamente o mundo de assombro, é que eram taes e tamanhas, que seus primeiros resultados inda mal se acreditavam, á força de parecerem descommunes e fabulosos; e mesmo a despeito do primeiro bom exito, inda o poder de antigos preconceitos por algum tempo dominou com muita força. E como não seria assim se nem mesmo os de casa eram de todo isentos de panico?

A Providencia porém prevenira no animo esforçado e intelligente do infante D. Henrique remedio contra tibios e irresolutos. Mandando a Gil Eannes, que passasse além do cabo Bojador, só elle ponde tirar-lhe a apprehensão de perigos imaginarios, que eram: «openyom de quatro mareantes, os quaaes como som tirados da carreira de Frandes, ou de alguñs outros portos pera que comũmente navegam, nom sabem mais teer agulha nem carta pera marear...»

Até nós proprios assim fomos no principio! Mas como era de esperar, afizemo-nos primeiro que nenhuns outros á nova vida e ao novo elemento, e pouco tempo bastou para converter em phrezezi geral da nação portugueza a prosecução de descobrimentos maritimos. Prova d'isso os muitos documentos de terras e ilhas inda não descobertas, e já doadas ou promettidas aos que se aventuravam á empresa. O archivo nacional da Torre do Tombo abunda n'estas provas.

Em Cintra, a 10 de dezembro de 1457, faz D. Afonso V doação ao infante D. Fernando de quaesquer ilhas, que depois d'esta data se acharem.

Em Lisboa, a 19 de fevereiro de 1462, faz o mesmo rei doação a João Vogado de duas ilhas novas *Lono* e *Capraria*, que se diziam já descobertas, mas não povoadas.

Em Lisboa, a 29 de outubro do mesmo anno, faz o mesmo rei mercê ao dito infante D. Fernando, de uma ilha, que Gongalo Fernandes, de Tavira, diz que víra, vindo das pescarias do rio do Oiro, a oes-



noroeste das Canarias e da Madeira, e a que se não pudera chegar por o tempo ser contrario. Esta doação teria effeito em qualquer tempo em que tal ilha se achasse, ou por navios do mesmo infante, ou pelos de qualquer outra pessoa.

Em Évora, a 13 de janeiro de 1473, faz o mesmo rei mercê a sua irmã a infanta D. Beatriz, de ilha ou ilhas que mandar descobrir, proseguindo na busca, que, a respeito de uma que por vezes apparecia dá ilha de Santiago, já o infante seu irmão tinha começado.

Em Carnide, a 21 de junho do mesmo anno, faz o mesmo rei mercê a Ruy Gonçalves da Camara, de uma ilha que por si ou seus navios achasse no oceano, não além do cabo Verde.

Em Estremoz, a 28 de janeiro de 1475, faz o mesmo rei mercê a Fernão Telles, das ilhas que descobrir ou mandar descobrir no oceano, quando não sejam nas partes de Guiné; e confirma n'elle a posse das ilhas *Forciras*, (ilha das Flores e seu ilheu) havidas por contrato feito com João de Teive, filho de Diogo de Teive, que dizia tel-as com o dito seu pae descoberto havia pouco. Em Samora, a 10 de novembro do mesmo anno, o mesmo rei explica a doação antecedente feita a Fernão Telles, declarando, que ella é extensiva tanto a ilhas despovoadas como povoadas, podendo ser que d'estas ultimas achasse a das *Sete-cidades* e outras, cujo caminho se dizia perdido.

Em Santarem, a 30 de junho de 1484, faz D. João II mercê a Fernão Domingues do Arco, da ilha da Madeira, da capitania d'uma ilha que ia buscar.

Em Santarem, a 3 de março de 1486, faz o mesmo rei mercê a Fernão Dulmo, capitão na ilha Terceira, da ilha que se presume ser das *Sete-cidades*, ou ilhas, ou terra firme, que ia descobrir. Em Lisboa, a 12 de julho do mesmo anno, nas notas do tabellião publico João Gonçalves, o mesmo Dulmo celebra com João Affonso do Estreito, do Funchal, na ilha da Madeira, contrato em que se associam para a dita descoberta, cujas despezas correriam por conta do segundo, em satisfação do que o primeiro lhe cedia metade dos direitos, que a doação real lhe conferira. Em Lisboa, a 24 do mesmo mez e anno, lhes confirma el-rei a primeira doação, e o contrato entre os dous; confirmação rectificada e explicada n'alguns pontos por segunda carta dada em Lisboa a 4 de agosto do mesmo anno 1486.

Em Cintra, a 12 de maio de 1500, faz D. Manuel doação a Gaspar Corte-Real d'algumas ilhas ou terra firme que descobrir, e que já *os dias passados* por si e á sua custa com navios e homens, com muito do seu trabalho, despeza de sua fazenda, e perigo de sua vida, andára a buscar.

Em Lisboa, a 15 de janeiro de 1502, o mesmo rei faz a Miguel Corte-Real doação de metade da terra firme ou ilhas, que seu irmão Gaspar Corte-Real tivesse achado. A este tempo já Gaspar tinha achado alguma cousa; e das tres caravellas, que levára á segunda expedição, só duas tinham voltado, e a d'elle não apparecia. Seu dito irmão, Miguel, apparelhava-se para ir em busca d'elle; e das terras que por si descobrisse tambem lhe el-rei fazia doação.

Em Alcacer do Sal, a 11 de março de 1532, faz D. João III mercê ao conde de Penella, da capitania de uma ilha, que queria mandar buscar, 80 leguas ao sul da ilha do Fogo.

(Continúa.)

JOSÉ DE TORRES.

#### BIBLIOGRAPHIA.

*Methodo portuguez Castilho para o ensino do lêr e escrever. Obra acomodada tanto ao uso das escolas como ao das familias. — Lisboa, Imprensa de Lucas Evangelista. 1853, 8.º*

É a terceira edição de um livro, que tem tido o privilegio de occupar a attenção da imprensa periodica de ha muitos mezes a esta parte. O Panorama não póde entrar na analyse e exame minucioso do novo systema para o ensino do lêr e escrever do sr. Castilho: resta-lhe sómente recommendar a obra, como de auctor, por tantos titulos, respeitavel, e fazer sinceros e ardentes votos, por que se consiga com o methodo de leitura repentina o santo fim que se propõe — a illustração do nosso povo. — Vende-se nas lojas do costume: preço 240 réis.

*Os Lusíadas e o Cosmos, ou Camões considerado por Humboldt como admiravel pintor da natureza, por José Silvestre Ribeiro. — Lisboa, Imprensa Nacional. 1853, in-12.*

Ninguem medianamente lido ignora, que Humboldt, o maior sabio talvez da presente epocha, não se dedignou de dedicar algumas paginas da sua magnifica obra intitulada *Cosmos*, á apreciação dos *Lusíadas*. O sr. Silvestre Ribeiro, magistrado mui entendido e litterato consciencioso, teve o patriotico pensamento (que poz por obra) de reunir em um pequeno volume as passagens do *Cosmos*, que se referiam ao nosso immortal epico, acompanhando-as de curiosas notas e explanações, que o tornam de mui amena e instructiva leitura. A edição é uma das mais nitidas, que temos visto. — Vende-se na livraria do sr. Lavado, rua Augusta, n.º 8: preço 320 réis.

*Carta ácerca do trafico dos escravos na provincia de Angola, dirigida ao ministro dos negocios da marinha e ultramar, pelo presidente da camara municipal de Loanda, A. A. Teixeira de Vasconcellos. — Lisboa, Typographia de J. J. A. Silva. 1853, fol.*

Recommenda-se este interessante opusculo pela importancia do assumpto, que tem intima relação com uma das nossas mais ricas possessões, e pela clareza e elegancia do estylo, que não desdiz da conhecida litteratura do antigo redactor da *Illustração*. — Vende-se nas lojas do costume: preço 120 rs.

Acha-se á venda no armazem de livros do editor do *Panorama*, rua do Ouro, n.ºs 227 e 228, o tomo 5.º das **Poesias de Manuel Maria de Barbosa du Bocage**, collegidas em nova e completa edição, dispostas e annotadas por I. F. da Silva: e precedidas de um estudo biographico e litterario sobre o poeta, escripto por L. A. Rebello da Silva. Contém 400 paginas, de 8.º francez: — preço, para os senhores subscriptores, pago á entrega do volume, 600 rs.; avulso 720 rs.

O tomo seguinte e ultimo publicar-se-ha brevemente, ficando a obra completa ainda n'este anno.